



EDUCAÇÃO E GÊNERO: DOCÊNCIA E RELAÇÕES DE GÊNERO NOS ANOS INICIAIS DA ESCOLARIZAÇÃO

LUSA, Diana¹

¹ Faculdade de Educação – Universidade Federal de Pelotas (dianalusars@yahoo.com.br)

Introdução

Esta pesquisa, em fase inicial, vem sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas com a orientação da Professora Dr^a Márcia Ondina Vieira Ferreira. A Pesquisa busca tratar de um assunto muitas vezes evitado no interior das escolas: as relações e diferenciações de gênero. Segundo pesquisas já realizadas (FERREIRA, 2008) em uma entrevista, diante de questões sobre as diferenças entre mulheres e homens, o/a pesquisador/a tem como resposta o silêncio do/a entrevistado/a. Grande parte dos/das professores/as nunca “parou para pensar” nas diferenciações de gênero, ou ainda, afirmam não haver diferenças entre mulheres e homens no que diz respeito ao trabalho, às condições de trabalho, às oportunidades na escola ou em outros ambientes sociais.

O que motivou-me a iniciar esta pesquisa foram as visíveis diferenças entre mulheres e homens, as quais, em muitas ocasiões marcaram minha vida pelo fato de eu ser mulher. Fatos e discursos muitas vezes não percebidos na infância, quando eu brincava de correr, de esconder, jogava futebol, fazia todas as brincadeiras que permitiam movimento ao corpo e entrava na sala de aula, depois do recreio, suada, como geralmente chegavam e chegam os meninos. Fatos e discursos não percebidos naquela época, mas que com o tempo se fazem sentir. Fazem pensar: “o que pensavam as professoras de mim, naquela época?”, apesar de boa aluna com boas notas, eu não era *tranquila* como são e como *devem ser* as meninas.

Pouca a pouco, deixando para trás as brincadeiras, vamos crescendo. Eu fui crescendo, a diferença que dizia que as *meninas devem ser* mais calmas e serenas nas brincadeiras e não percebida por mim naquela época, continuava. Porém agora, não mais no faz de conta; salários menores, tarefas domésticas, menos prestígio nas esferas públicas, mais repressão no modo de viver sua sexualidade, mais trabalho no dia a dia; tudo isso como *privilégio* das mulheres.

Essas foram minhas inquietações iniciais, mas a partir delas pude ir mais além. Ver que nem homens e nem mulheres, não precisam e/ou querem, necessariamente ser de uma forma *ou* de outra, como se fossem pólos opostos e contraditórios. Mas a pressão para que se seja de uma forma *ou* de outra é grande, por parte da família, da escola e da sociedade como um todo. Sempre me perguntei se a sociedade como um todo não usa as diferenças biológicas de

forma exagerada para explicar as diferenças sociais entre homens e mulheres. Ouvindo a voz das teorias lidas até agora, parece que sim.

Relacionada a princípio, às distinções biológicas, a diferença entre os gêneros serviu para explicar e justificar as mais variadas distinções entre mulheres e homens. Teorias foram construídas e utilizadas para “provar” distinções físicas, psíquicas, comportamentais; para indicar diferentes habilidades sociais, talentos ou aptidões; para justificar os lugares sociais, as possibilidades e os destinos “próprios” de cada gênero. (LOURO, 1997, p.45).

Quando entrei novamente na escola, mas desta vez como professora estagiária e não mais como aluna, percebi que as diferenciações continuam e que existe no interior da escola uma forte crença de *como ser menino* e de *como ser menina*. Discursos e práticas, que apesar de trabalharem com meninas e meninos em uma mesma sala de aula, deixam claro, em muitas ocasiões, o lugar de cada um na escola e na sociedade. Os discursos estão impregnados com maneiras *corretas* de como cada sexo deve falar, comportar-se e ser. E não é uma tarefa fácil, trazer à tona questões como as diferenciações e discutir sobre elas, quando, na maior parte das vezes, elas não são sequer percebidas.

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer do cotidiano escolar. O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios; é necessário sentir os cheiros especiais; as cadências e os ritmos marcando os movimentos de adultos e crianças. Atentas/os aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos nem usados – portanto, não são concebidos – do mesmo modo por todas as pessoas. (LOURO, 1997, p.59).

As diferenças no interior da escola existem, mas talvez não sejam percebidas pela sua sutileza. A escola não apenas reproduz ou reflete concepções de gênero presentes na sociedade; ela própria as produz.

Metodologia

Pretendo usar como ferramentas desta pesquisa, entrevistas semi estruturadas, juntamente com observações das práticas pedagógicas e interações professoras/ alunos/as nos ambientes escolares destes sujeitos de pesquisa. Penso em integrar entrevistas com observações, principalmente por concordar com afirmações como a de Ferreira (2008), quando diz que o silêncio é resposta de muitos entrevistados quando se deparam com questões sobre diferenças entre homens e mulheres, ou seja, pela dificuldade que a maioria dos/as docentes tem em falar sobre gênero e relações de gênero. Buscarei interagir com as docentes para tentar compreender o que elas pensam sobre a questão do gênero e como agem com as crianças – consciente ou inconscientemente – quando a questão é essa.

Concordando com Pedro Demo, acredito que a presença do pesquisador é parte fundamental da qualidade da informação (ao menos nesta pesquisa). Segundo Demo, embora essa afirmação possa parecer polêmica, é sobre isso precisamente do que se trata.

As entrevistas serão um importante método desta pesquisa, mas certamente as observações ajudarão a compreender os silêncios nas falas dos entrevistados, quando esses acontecerem. Pedro Demo (2001) defende que para a análise científica, o questionamento é essencial. É preciso combinar a capacidade de saber acreditar no interlocutor e de saber duvidar, para ser possível desconstruir e reconstruir criativamente e criticamente.

Uma *reconstrução* crítica, primeiro, não se contenta em expor, descrever, apresentar falas ou discursos. [...] Parte para descobrir relações ocultas, vazios e silêncios, titubeios e aclamações, frases fortes e fracas, presenças tímidas e avassaladoras, bem como as ausências. [...] Saber olhar o que não vê facilmente, apanhar as dobras do discurso, perambular em suas gretas sutis, flagrar contradições, acompanhar a rota da inteligência dos argumentos, tudo isso faz parte da percepção crítica, capaz de tanto mais valorizar o mundo simbólico quanto mais o questiona. (DEMO, 2001, p. 43).

Para ter uma possibilidade maior desta percepção crítica, decidi conjugar observações e entrevistas. Para que esse discernimento crítico seja possível, o referencial teórico deve fazer parte da metodologia como questão implícita inevitável e necessária.

Discussões

As questões que pretendo desenvolver nesta pesquisa acontecem dentro da escola, pelo fato de a escola ser um lugar marcante na vida das pessoas que por ela passam. A escola diz muito aos seus alunos, sobre *como devem ser*, interfere e influencia vidas, mais do que acredita influenciar. Neste meio, quero entender como se dão e são pensadas as relações de gênero, as relações entre meninos e meninas, mulheres e homens, e quais são os modos pensados *ideais* de ser homem e de ser mulher. No interior desta instituição, interagindo com professoras, buscarei saber como são tratadas as questões de gênero e o que pensam as docentes (de séries iniciais e pré escola), sobre as relações de gênero e o que as falas dessas docentes dizem sobre este momento histórico e social em que vivemos.

Segundo Louro (1997), o conceito de *gênero* não deve ser pensado como construção de papéis masculinos e femininos. A pretensão, é que se entenda *gênero* como constituinte da *identidade* dos sujeitos. Afirmar que o *gênero* deve ser entendido como *identidade* é referir a algo que transcenda o 'desempenho de papéis'; o gênero passa a fazer parte do sujeito, constituindo-o. Mas, as identidades dos sujeitos não são fixas, e em alguns momentos podem até ser contraditórias, dando a impressão de que o sujeito está "sendo empurrado" em diferentes direções.

Anthony Giddens (2005) chama a atenção para que se faça a distinção entre sexo e gênero; segundo o autor, em geral os sociólogos utilizam *sexo* para se referir às diferenças anatômicas e fisiológicas que definem o corpo masculino e o corpo feminino. Gênero, por outro lado, diz respeito às diferenças psicológicas, sociais e culturais entre homens e mulheres.

O gênero está ligado às noções socialmente construídas de masculinidade e feminilidade; não é necessariamente um produto direto do sexo biológico de um indivíduo. A distinção entre sexo e gênero é

fundamental, já que as diferenças entre homens e mulheres não são de origem biológica. (Giddens, 2005, pp. 102-103).

Sobre a desigualdade de gênero, o Giddens (1995, p. 107) ainda propõe as seguintes questões para pensarmos melhor no que acontece: “as mulheres e homens têm acesso igual às fontes sociais valorizadas – por exemplo, comida, dinheiro, poder e tempo?” E ainda: “as mulheres e homens possuem opções de vida similares?” ou “os papéis e atividades das mulheres e dos homens são valorizados de modo igual?” Essas questões propostas pelo autor são fundamentais para tratar acerca de desigualdade de gênero.

Na escola, apesar de alguns novos discursos sobre a igualdade entre meninos e meninas, podemos encontrar muitas ideologias que se “mascaram” pela sutileza. Nos livros didáticos, podemos perceber uma tendência à polarização de gênero, desde a educação infantil – mães cozinhando ou servindo à família e pais saindo para trabalhar – até nas séries mais adiantadas – a exaltação da história, da filosofia, das ciências... às figuras masculinas e a invisibilidade feminina. Pode-se perceber uma perspectiva androcêntrica como parte da cultura vigente. Montserrat Moreno afirma que “a escola é uma caricatura da sociedade. Por ela passam, como não passam em nenhum outro lugar, limitadas por diminutivos, todas as idéias que uma sociedade quer transmitir para conservar, tudo aquilo em que se acredita ou quer que se acredite...” (1992, p.80). A escola realiza trabalhos admiráveis, mas a escola também julga, separa e diferencia.

Para (não) Concluir

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola [...] começou a separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. (LOURO, 1997, p.57).

Diferenciações entre meninas e meninos que se tornarão diferenciações entre homens e mulheres, não em sua biologia, mas em suas vidas em sociedade, nas condições de trabalhos e em grande quantidade de situações que ambos se depararão. A escola, que promove a igualdade, também promove a diferenciação. Isso eu busco compreender.

Referências Bibliográficas

DEMO, P. **Pesquisa e Informação Qualitativa: Aportes Metodológicos**. Campinas: Papirus, 2001.

FERREIRA, M. O. V. Desconforto e Invisibilidade. Representações de Gênero entre Sindicalistas Docentes. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, jun./ 2008, n 47, p. 15-40.

GIDDENS, A.. **Sociologia**. Tradução: Sandra Regina Netz. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna, 1992.